

# ROCHA COM COVINHAS NA RIBEIRA DO PRACANA

J. Pinho Monteiro  
e Mário Varela Gomes

No cumprimento de um programa de explorações sistemáticas das margens do rio Tejo e dos afluentes e subafluentes onde a cartografia mostrasse a existência de desenvolvidas bancadas rochosas, que tinha por objectivo definir a extensão geográfica do Complexo de Arte Rupestre do Tejo, procedemos, em Setembro de 1974 e com o apoio financeiro do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, a uma campanha de prospecções. Acompanhados de António M. Baptista, Manuela Martins e Vítor M. Serrão, começámos por reconhecer o troço do Tejo situado entre a Barca da Amieira e a barragem de Fratel, onde detectámos, na margem esquerda, uma nova estação (*Ribeira de Figueiró*) e, na outra margem, perto da foz do Ócresa, na zona de transição entre os xistos e os granitos, um pequeno núcleo de gravuras (fig. 1).

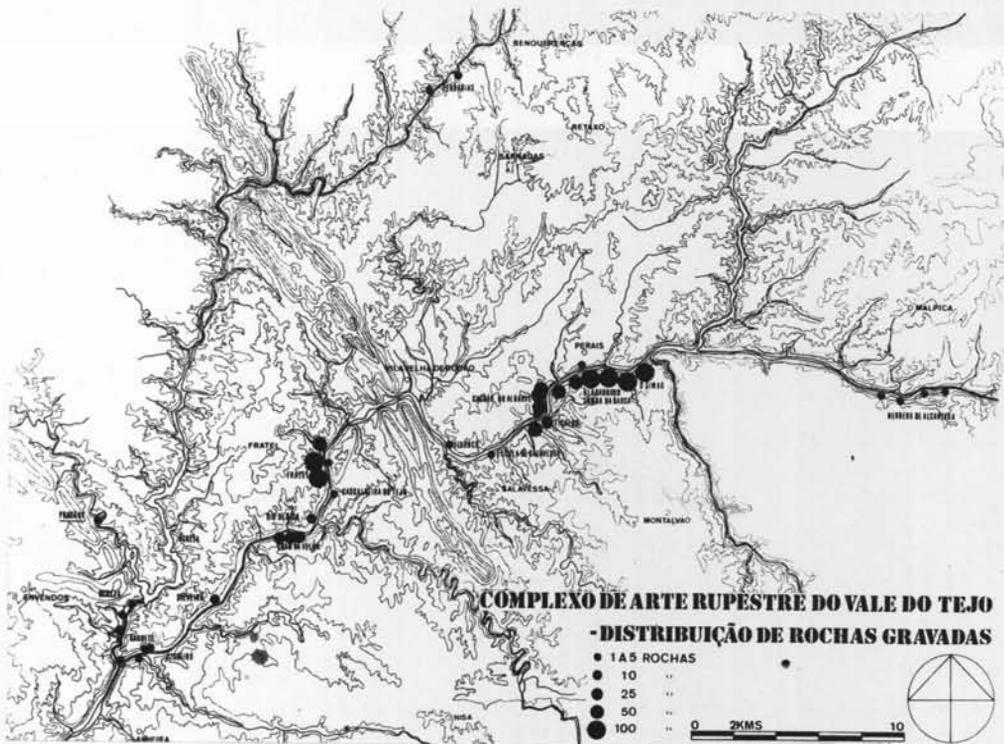


Fig. 1 - Distribuição de rochas gravadas no Complexo de Arte Rupestre do Tejo

No rio Ocesa, prospecções prolongadas até perto da desembocadura, identificaram novos conjuntos gravados que, adicionados aos três conhecidos desde 1973<sup>1</sup>, perfazem hoje um total de 20 painéis decorados (fig. 1).

Dirigimo-nos, em seguida, à ribeira do Pracana que explorámos, acompanhados de Vitor M. Serrão, para jusante da ponte romana da Ladeira<sup>2</sup> até à zona onde as influências da albufeira da barragem do Pracana submergem por completo os bancos rochosos. A ribeira corre num vale amplo, criando bancadas xistosas que afloram no próprio leito ou que surgem, em blocos elevados e maciços, encostados à margem direita, quando o Pracana se aproxima das vertentes da serra da Amieirosa. A cerca de 1 km a montante da Azenha do Padrão, num penedo que se destaca da margem direita avançando sobre a ribeira, descobrimos o conjunto de covinhas que ora noticiamos (fig. 1; Est. I-A). Encontrava-se, no momento da nossa visita, a cerca de 3-4 metros sobre o nível das águas da ribeira, sendo, no entanto, de prever que em ocasiões de maior caudal ou durante a retenção da albufeira fique, pelo menos parcialmente, submerso.

Localizando-se no termo da freguesia de Envendos (concelho de Mação e distrito de Santarém), as suas coordenadas geodésicas aproximadas são as seguintes:

39° 35' 50" de latitude norte

7° 50' 10" de longitude oeste de Greenwich

(segundo a Carta Corográfica de Portugal na escala 1/100 000, folha 28, Nisa, Instituto Geográfico e Cadastral, 1960).

Aproveitando duas superfícies horizontais ou ligeiramente inclinadas, polidas pela abrasão das águas e patinadas de cor rosada, encontra-se mais de uma centena de covinhas com diversos diâmetros e profundidades, gravadas a picotado (Est. I-B e II-A). Apresenta ainda figuras incisas, uma seta e um conjunto de traços paralelos (Est. II-B).

*Est. I - (A - Vista do vale da ribeira do Pracana, tirada de jusante, vendo-se à esquerda a rocha decorada com covinhas)*

*Est. I - (B - Vista de conjunto sobre a rocha decorada com covinhas)*

1 A. M. Baptista, M. V. Gomes *et al.*, 1974—O Complexo de Arte Rupestre do Tejo - processos de levantamento, *Actas do III Cong. Nacional de Arqueologia*, pág. 297.

2 M. A. Horta Pereira, 1970—*Monumentos Históricos do Concelho de Mação* (Ed. da Câmara Munic. de Mação), Mação, pp. 375-376, fig. 168.





O tema das covinhas, porventura o mais comum e universal na arte rupestre pré-histórica, raras vezes se tinha revelado em Portugal com tal frequência e exclusividade. Nas diversas estações que constituem o Complexo de Arte Rupestre do Tejo, a covinha é uma das figuras menos frequentes do repertório figurativo. Considerada a ampla extensão cronológica que este Complexo abarca, seria de deduzir desta raridade que o motivo da covinha só se teria generalizado em épocas tardias? Facto sugestivo, mas que todavia não é suficiente para fundamentar atribuições cronológicas, sobretudo num tema que é certamente dos mais recorrentes em Arte Pré-Histórica.

Fica assim noticiada a descoberta de mais uma rocha decorada numa região que se tem revelado como um dos principais centros peninsulares de arte rupestre pré-histórica. Pena é que numa boa parte da ribeira do Pracana e do rio Ocreza, as bancadas rochosas estejam desde há muito cobertas pelas águas da albufeira da barragem do Pracana, pois seria de esperar, dada a distribuição das gravuras e algumas informações que temos coligido, que mais conjuntos aí se pudessem vir a encontrar, formando uma infiltração da Arte do Tejo por estes seus afluentes, núcleo hoje trunçado e reduzido às 20 rochas decoradas do rio Ocreza (identificadas, até à data da nossa prospecção, na zona a jusante da barragem) e ao grupo de covinhas do Pracana (fig. 1).

◀ *Est. II - (A - Pormenor das covinhas da ribeira do Pracana)*

*Est. II - (B - Pormenor das covinhas e do conjunto de traços paralelos incisos, ao lado direito)*

